

# Seminário internacional: uma tribuna para a ciência na América Latina

Denise Leite<sup>1</sup>

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, foi sede de um inusitado encontro em novembro de 1999 - *Universidade e ciência na América Latina: a ciência para o século 21*. A mesma ciência que produziu os conhecimentos e as tecnologias que tornam mais fácil a vida de milhares de indivíduos em nosso conturbado universo, não foi abordada sob a ótica de suas aplicações, de seus métodos ou de sua construção e relevância histórica. Sem que nesse evento estes temas tenham sido descurados, a ciência foi tratada sob o enfoque político e social. Assim, na perspectiva dos dirigentes institucionais de seu principal *locus* de produção - a universidade latino-americana- dos agentes financiadores, dos gestores governamentais, dos pesquisadores, dos alunos e docentes (universitários e do ensino fundamental), foi discutida a ciência para o século 21, tendo como referencial básico os resultados e as propostas da Conferência Mundial UNESCO, realizada em Budapeste, Hungria.

Tal como lá, o pensamento central do seminário esteve articulado à idéia de uma

nova visão e uma conseqüente nova missão para a ciência, missão esta que envolve, também, um novo contrato da ciência com a sociedade. Foi destacado que, se a ciência avançou de forma expressiva nesse século, ela o fez, contudo, sem resolver os grandes problemas das condições de vida dos povos dos países emergentes. Suas aplicações mais relevantes permaneceram sensíveis apenas a uma parte da humanidade. Por outro lado, seu emprego e sua produção contribuem para aumentar os desequilíbrios regionais e a exclusão social, tanto de pessoas, pelo analfabetismo científico, quanto de países, alijados do acesso às conquistas e tecnologias mais recentes. Haveria, pois, uma divisão social da ciência e a América Latina investindo apenas 0,3% de seu PIB em Investigação e Desenvolvimento, estaria inviabilizando o futuro de seus cidadãos, pois seus pesquisadores estariam limitados a reproduzir e consumir ciência antes de poder produzi-la.

Foi apontado, por exemplo, que a Conferência de Budapeste não teria dado o realce necessário a alguns pontos polêmicos

---

<sup>1</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS.

visíveis nas complexas relações entre ciência, tecnologia, políticas públicas, universidade e sociedade, subentendendo-se o setor produtivo como parte desta. Entre estes pontos, importantes para a realidade latino-americana, incluem-se a existência de relações assimétricas entre “produtores” e “consumidores” de ciência, a permanência do analfabetismo científico, a pequena e até inexpressiva divulgação científica em nossos meios de comunicação e, também, a falta de um entendimento adequado sobre o sentido de políticas para ciência e da ciência para as políticas sociais. Com isto, ressalta a importância da democracia para todo o fazer científico e tecnológico. Os participantes do seminário especificaram esses pontos, afirmando o seguinte: existência de uma relação assimétrica entre os modos de percepção da ciência pela sociedade e das necessidades da sociedade pelo cientista, na medida em que a sociedade está inadequadamente informada sobre muitos dos avanços e potencialidades da ciência; as dificuldades da alfabetização em ciência, e em tecnologia, o que envolve uma maior especificação dos objetivos e dos níveis da formação do profissional-pesquisador e do profissional-ensinador de ciências - ambos devem receber formação científica adequada e em sintonia com o tempo presente; a necessidade de compreender, com clareza, a

relação entre ciência e desenvolvimento sustentável considerando a importância da distinção entre *políticas para ciência* (science policy) e *contribuições da ciência para o fortalecimento das políticas de desenvolvimento social* (science for policy) e das ações governamentais nessas duas direções; o valor da difusão da ciência, que engloba a popularização de seus resultados, com vistas a diminuir as distâncias entre os que produzem ciência e aqueles que consomem ciência, entre os centros produtores e a sociedade; neste campo, a mídia tem papel de destaque, especialmente em sociedades que são democracias recentes, e que, por isso mesmo, precisam resgatar seus compromissos sociais; o papel do binômio ciência-democracia, uma vez que se entende o desenvolvimento científico e tecnológico diretamente relacionado com um Estado democrático que assegure os direitos básicos de inclusão social do cidadão e das coletividades; Estados não democráticos, ou democráticos, mas alinhados com políticas neoliberais globalizantes e globalizadoras, impõem grandes sacrifícios aos seus cientistas, às suas universidades, bem como, dificuldades ao crescimento e à expansão do conhecimento em níveis de liberdade conseqüentes com sua produção e disseminação; a articulação ciência-tecnologia - universidade- sociedade, fundada



na escuta, no respeito às diferenças e às necessidades dos diferentes extratos sociais e, ainda, na avaliação conjunta de compromissos firmados em parcerias, por envolver ações socialmente comprometidas com uma melhor qualidade de vida planetária, precisam se apoiar nas *exigências de uma ética de interação dialógica*.

Observando com atenção essas grandes questões, ou desafios, pode-se deduzir que este seminário constituiu-se uma grande tribuna. Tribuna essa que, privilegiada ao constituir-se com múltiplos sujeitos, representou, no entanto, apenas uma pequena amostra de distintos segmentos acadêmicos e não acadêmicos, que vincula as questões da ciência com a identidade dos povos latino-americanos.

Uma das perguntas que se impôs durante o evento, foi: “*Afinal, o que significa fazer ciência na América Latina?*”

Considerando que nenhum dos participantes guardava dúvidas sobre a necessidade do fazer científico e do seu locus de produção - a universidade -, destacou-se que, para esta parte do mundo, neste momento, esta não é uma pergunta redundante ou óbvia. Ela é uma questão crucial. Crucial para o desenvolvimento, para o progresso, para a paz. E, na medida em que a incorporação da ciência ao debate deixar de ser feita apenas em espaços reservados, como o dos seminários e conferências, e se tornar parte do cotidiano, uma questão como outras a ser debatida dentro e fora das escolas e universidades; na medida em que a utilização dos conhecimentos e das tecnologias vier a atender aplicações mais satisfatórias para todos, também a sociedade passaria a compreender melhor a aplicação dos recursos públicos, ou privados, destinados à produção científica. Esta seria uma das tarefas centrais em uma sociedade democrática, afirmou um dos palestrantes, que entende que fazer ciência na América Latina significa desenvolver tanto as ciências naturais quanto as sociais, de tal forma que as culturas próprias possam emergir,

resgatando identidades.

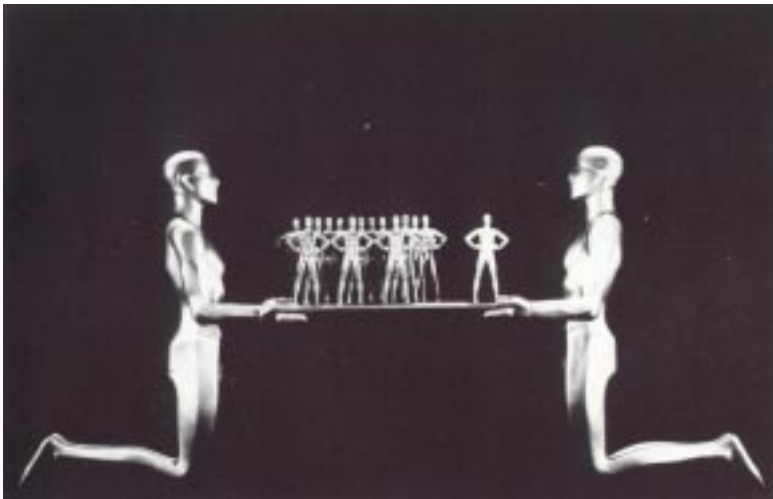
Nessa linha de raciocínio, a grande tribuna defendeu o aumento da formação qualificada de cientistas, do número de institutos tecnológicos, das linhas de investigação regional, atentas às realidades próprias e localizadas sem descuidar suas interfaces com o conhecimento universal.

E, se existem dificuldades de toda ordem para que a produção da ciência seja mais constante e adequada, existem também, no seio das universidades públicas, espaços onde tal construção está em pleno andamento. Importa, no entanto, tal como semente em crescimento, protegê-los, considerando suas fragilidades, para que cheguem a constituir a árvore frondosa que abrigará as descobertas e realizações do futuro.

Este é o compromisso presente daqueles que têm a responsabilidade imediata com a ciência, dos países onde o PIB não está crescendo em taxas compatíveis com as necessidades de suas populações. Não se trata de abdicar da produção por falta de insumos, ou porque outros jardins estão mais floridos e apresentam terras de “melhor qualidade” ou, neles, o adubo é abundante. Trata-se de conservar agora o que existe, para que, em o fazendo, não se abdique do direito de ser uma nação e de usufruir a própria riqueza gerada no continente. Este é um caminho de reencontro com as pessoas, com a vida; uma outra forma de fazer ciência, produzir conhecimento e resgatar culturas que, sendo da aldeia é, ao mesmo tempo, global.

“*Faz falta toda uma aldeia para educar uma criança*”, disse Román Mayorga, um dos conferencistas, ao apontar nove desafios para a universidade latino-americana do século 21. E mais, “*por isto, ainda que os desafios para a ciência em países emergentes também possam ser enumerados e, entre eles, ressalte o papel pró-ativo das universidades, permanece a importância da aldeia global na educação de todas as pessoas, permanece a importância das conexões para que se possam ampliar as fronteiras das nações e povos latino-americanos*”.

Mini Multi-man.



San Jacopo Show, Multi-Kids.

